- **A PRIMAZIA DO DISCURSO NA TEORIA DA GRAMÁTICA FUNCIONAL**
  Dia 29 - Local: PB 17 - 14:00-18:00
  Coordenador(a): *Kees Hengeveld*

A ESTRUTURA DA FUNÇÃO PRAGMÁTICA TEMA NO PORTUGUÊS: UMA ABORDAGEM DIACRÔNICA

Fábio Izaltino Laura

Utilizando ocorrências do século XVIII, XIX e XX, extraídas de cartas pessoais, mostra-se, numa abordagem diacrônica, as características estruturais da função pragmática Tema no português escrito, em outras palavras, mostra-se se há alguma mudança na marcação do Tema nos três séculos, fazendo também um contraponto com o trabalho de Vicente (2002) para o português falado contemporâneo. Pezatti (1998) apresenta exemplos para o português falado contemporâneo do Brasil que se enquadram em dois tipos de estrutura de Tema. Em agora... bebida alcoólica eu gosto de qualquer tipo de bebida... o Tema bebida alcoólica não é precedido por nenhuma preposição ou qualquer outra expressão, marcando-o, ao contrário de bom... sobre alimentação aí... o que você tem visto que pode dizer prá gente? Em que a preposição sobre expressa uma marcação típica da função pragmática Tema no português. Para Dik (1997), um constituinte com função de Tema especifica um conjunto de entidades em relação às quais a oração seguinte apresenta alguma informação relevante. Na verdade, segundo Dik (1997), o Tema orienta o ouvinte quanto aos tópicos do discurso em relação aos quais o conteúdo da oração seguinte deve ser interpretado. Nossos dados mostram que o Tema pode ser marcado por outras expressões e não apenas pela preposição sobre, mostrada acima, e quanto a, a expressão que mais ocorre nos dados. Na análise quantitativa para o português escrito, verifica-se que há vários casos de Tema marcado por essas expressões nos três séculos, mas essa marcação é maior, sobretudo, nos séculos XIX e XX. Nota-se também que há diferenças entre os dados diacrônicos do português escrito e os do português falado contemporâneo, uma vez que os dados de Vicente (2002) mostram que o Tema é preferencialmente não marcado no português falado, diferentemente de nossos dados do português escrito que apontam o Tema como sendo marcado.

A FUNÇÃO TEXTUAL DOS NOMES DEVERBAIS

Roberto Gomes Camacho (UNESP)

Como construções encaixadas, os nomes deverbais são dotados de uma característica gramatical relevante: além de poderem preservar a estrutura argumental do predicado verbal de origem,

podem atuar como um termo da predicação matriz (Dik 1997). Essa característica dá aos nomes deverbais a versatilidade funcional de exercer funções sintáticas, semânticas e pragmáticas de que não seriam capazes caso se mantivessem como verbos. Uma das razões que favorece a seleção de uma nominalização é a função textual-discursiva: empregar um nome deverbal possibilita ao falante introduzir um novo referente no discurso ou retomar uma predicação já enunciada no texto precedente. Com base num corpus de língua falada, discute-se, neste trabalho, o estatuto informacional dos nomes deverbais ou, mais especificamente, a função textual que exercem no discurso, com o objetivo de esclarecer se os de segunda ordem, que representam estados de coisas, admitem a mesma distribuição informacional que os nomes prototípicos, que são, por definição, nomes de primeira ordem. Os resultados mostram que a taxonomia de Prince (1981) é perfeitamente aplicável aos nomes deverbais; há, todavia, uma diferença crucial entre eles e os nomes prototípicos: em virtude de representarem estados de coisas, que, em geral, envolvem entidades de primeira ordem em função argumental, não há razão informacional para que um nome deverbal se apresente no discurso como entidade desconhecida e, portanto, completamente nova para o ouvinte. Isso explica a ausência do estatuto "novo' (ou "completamente novo' nos termos de Prince 1981) nos dados examinados.

AS CONSTRUÇÕES DE POLARIDADE POSITIVA E NEGATIVA COMO CONSTITUINTES EXTRAFRASAIS

Sandra denise Gasparini Bastos (UNESP)

Este trabalho tem por objetivo fazer uma descrição do comportamento dos constituintes extrafrasais (ECCs, segundo Dik 1989, 1997) representados por construções de polaridade positiva e por construções de polaridade negativa no português. Para tanto, utilizamos um córpus constituído por vinte entrevistas jornalísticas escritas retiradas da revista Veja, selecionadas aleatoriamente entre os anos de 2000 e 2001. Partimos da descrição dos constituintes extrafrasais proposta por Dik e das quatro funções identificadas pelo autor para esses elementos, quais sejam: gerenciamento da interação, especificação de atitude, organização do discurso e realização do discurso. A análise do córpus mostra-nos que a função característica dos constituintes extrafrasais representados por construções de polaridade positiva e por construções de polaridade negativa é atuar como resposta (do entrevistado ao entrevistador, do entrevistado a ele mesmo, do entrevistado a uma suposta dúvida existente na situação de interação), função característica dos ECCs de realização do discurso. Como é possível verificar na análise, tais funções, observadas nas construções em posição inicial e em começo de turno, somam-se a outras funções menos freqüentes, como reforço de resposta e modificador ilocucionário (tag).

DESCRIÇÃO FUNCIONAL DAS MODALIDADES NOS DISCURSOS POLÍTICOS E CIENTÍFICOS

Marize Mattos dall'aglio-hattnher (UNESP)

O caráter complexo do processo de modalização tem levado vários pesquisadores a considerar a pertinência de uma representação da estrutura oracional em camadas para o tratamento adequado dessa categoria qualificacional. Considerando-se a organização simultânea da senten-

ça como mensagem e como evento de interação, de acordo com esses modelos de estrutura oracional em camadas, é possível identificar diferentes instâncias da modalização, bem como as diversas qualificações que atuam em cada uma das camadas da estrutura oracional. Neste trabalho, utilizando os conceitos de domínio de aplicação e de alvo de aplicação (Hengeveld, 2004), analiso o papel que os indicadores de modalidade exercem em situações de interação marcadamente persuasivas, demonstrando como os discursos políticos e os discursos científicos diferenciam-se pelo uso de expressões modalizadoras orientadas para o participante, para o evento e para a proposição.

GRAMÁTICA FUNCIONAL DO DISCURSO

Kees Hengeveld

A Gramática Funcional do Discurso (ver Hengeveld 2004a, 2004b; Hengeveld & Mackenzie no prelo) é uma nova versão da Gramática Funcional (Dik, 1997), caracterizada pelo fato de (i) ter uma organização "top-down", (ii) ser modular e hierárquica e (iii) distinguir sistematicamente as características interpessoais, representacionais e formais de cada unidade lingüística. A Gramática Funcional do Discurso é um modelo de gramática e é concebida, junto com os componentes conceitual e articulatório, como o componente gramatical de um modelo tripartite do falante (ver Levelt, 1989). Esse modelo tripartite, por sua vez, baseia-se em um componente contextual, que é partilhado pelo falante e pelo ouvinte. Nesta comunicação, apresento as características gerais do modelo e mostro como as representações subjacentes são primeiro construídas e depois expressas na implementação dinâmica da Gramática Funcional do Discurso.

O ESTATUTO INFORMACIONAL DOS ARGUMENTOS DOS NOMES DEVERBAIS

Liliane Santana (UNESP)

O tipo primário de termo, para a Gramática Funcional (Dik 1997), é um SN que pode ser usado para referir a alguma entidade de primeira ordem e o modelo de expressão típico para esses termos contém constituintes como determinante, quantificador, possuidor, adjetivo, nome. Já as nominalizações, como formas de predicação encaixada, constituem um tipo secundário de termo, usado para referir a entidades de ordem superior, e seus ingredientes típicos são operadores, predicados, argumentos e satélites. Ao contrário de satélites, que consistem em informação adicional, argumentos são termos obrigatórios, isto é, termos requeridos pela semântica do predicado. Sendo obrigatórios, os argumentos das nominalizações também deveriam vir expressos. Entretanto, não é o que ocorre: dificilmente a estrutura argumental dos nomes deverbais é preenchida em sua totalidade. Como é comum que tópicos informacionalmente dados podem não manifestar-se fonologicamente, o objetivo deste trabalho é verificar, num corpus de língua falada, se a falta de preenchimento argumental dos nomes deverbais também pode ser um resultado do estatuto informacional dos termos envolvidos, com base na taxonomia mais refinada, proposta por Prince (1981), para as noções já tradicionais de dado e novo. Os resultados mostram que o argumento sujeito é majoritariamente evocado, ou seja, o argumento externo é

a informação preferencialmente dada, tópica, podendo, por isso, não ser expresso; já o argumento interno, cujo status é o de novo não-usado, tem de ser necessariamente expresso. Conseqüentemente, o enfoque do estatuto informacional dos argumentos dos nomes deverbais é relevante para a explicação do baixo preenchimento da estrutura argumental.

ORDEM DE PALAVRAS E ADVÉRBIOS FOCALIZADORES NO PORTUGUÊS FALADO DO BRASIL

Edson Rosa Francisco de Souza (UNICAMP)

Centrado na perspectiva funcionalista de autores como Dik (1989; 1997) e Hengeveld (1997), este trabalho tem por objetivo descrever a funcionalidade dos advérbios focalizadores (exatamente, principalmente, justamente, somente, também etc.) e sua co-ocorrência com a ordem especial de constituintes no português falado do Brasil. Em termos gerais, o nosso objetivo é investigar as razões sintáticas, semânticas e pragmáticas que favorecem o uso desses mecanismos de focalização na atribuição de Foco a determinados constituintes da oração. Sobre esse aspecto, Ilari et alii (1990) identificam a focalização como uma das muitas funções exercidas por essa classe, considerada extremamente heterogênea na Literatura lingüística (cf. Mackenzie, 2001; Hengeveld, 1997). Advérbios como exatamente, justamente e principalmente, que "chamam a atenção para o papel semântico de uma expressão próxima" (Ilari, 1992, p.76) ou "aplicam a algum constituinte um carimbo de 'conferido', sugerindo que o locutor está de posse dos resultados de alguma verificação" (id. ibid.), são agrupados ao lado de advérbios que indicam inclusão ou exclusão, como também e só, por "darem destaque a um constituinte da sentença". Assim, com base nessas informações, o nosso objetivo maior é verificar se o uso desses advérbios constitui um mecanismo utilizado pelo falante para focalizar e, ao mesmo tempo, preservar a ordem linear dos constituintes na oração, isto é, se esse uso está relacionado à manutenção da ordem canônica dos termos da oração. Em outras palavras, a nossa tarefa é investigar por que esse fenômeno costuma correr, uma vez que a ordem especial de constituintes, bastante recorrente entre as línguas do mundo, por si só já bastaria para expressar a função pragmática Foco. (Projeto financiado pela FAPESP - nº 02/12621-5).

SOBRE AS FUNÇÕES DOS MARCADORES DISCURSIVOS

Eduardo Penhavel de Souza (UNESP)

Marcadores discursivos (MDs), em termos gerais, são mecanismos que operam no nível do discurso (aqui entendido como organização textual-interativa), estabelecendo algum tipo de relação entre unidades textuais e/ou entre os interlocutores. Constituem recursos imprescindíveis e muito recorrentes na construção do discurso, porém não configuram ainda uma classe bem definida. A literatura sobre o assunto se caracteriza, inclusive, por uma ausência de consenso terminológico, pois é possível encontrar, referindo-se a esses mecanismos, expressões como marcadores conversacionais, conectivos discursivos, operadores discursivos, apoios do discurso, sinais de estruturação etc. No entanto, a bibliografia disponível apresenta um importante ponto de convergência no que se refere à função dos MDs. Assim, neste trabalho, discuto, num primeiro momento, a possibilidade de analisá-los com referência a duas funções gerais de

organização do discurso, uma integrada mais estreitamente aos componentes ideacional e textual, e outra, ao componente interpessoal do sistema lingüístico (Halliday, 1978), as quais identifico como "funções textuais" e "funções interacionais", respectivamente. No primeiro caso, os marcadores atuam na organização do conteúdo informacional do discurso, num nível hierarquicamente superior ao da sentença. Funcionam como mecanismos de coesão textual, estabelecendo algum tipo de relação entre diferentes unidades discursivas, como, por exemplo, abertura, expansão, retomada e fechamento de tópicos e distinção de estruturas de figura e fundo. No segundo caso, atuam na articulação da interação conversacional, cumprindo alguma função advinda diretamente da relação face-a-face entre os interlocutores, como, por exemplo, processos de manutenção e assalto de turno, modalização, focalização etc. Num segundo momento, então, exemplifico esse funcionamento dos marcadores por meio da análise de alguns usos do MD "e" e, numa seção final, comento as perspectivas para tratamentos futuros dos MDs, considerando os desenvolvimentos recentes da Gramática Funcional em direção à arquitetura de uma Gramática Funcional do Discurso. (FAPESP - Proc. 02/10807-4)